

OS FIOS DA MEMÓRIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA URBE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Alice Pimentel Silva¹

Cláudio Ribeiro Santana Queiroz²

RESUMO

O *corpus* analisado aborda como os discursos que não são individuais nem universais, mas sim coletivos, nos permite estar envolvidos em diversas situações e práticas sociais nas quais existe uma circulação de poder e saber. Os dispositivos de análise a serem trabalhados são, as condições de produção, formações discursivas e ideológicas e a memória discursiva, identificados no processo de construção da cidade de Salvador pela perspectiva do escritor Isaias Carvalho em *Memória Urbana: poética para uma cidade* (2012).

Palavras-chave: Condição de produção. Memória. Identidade. Urbanização.

ABSTRACT

The corpus analyzed addresses how discourses that are not individual or universal, but rather collective, allow us to be involved in diverse situations and social practices in which there is a circulation of power and knowledge. The analysis devices to be worked are the conditions of production, discursive and ideological formations and discursive memory, identified in the process of construction of the city of Salvador by the perspective of the writer Isaias Carvalho in *Urban Memory: poetics for a city* (2012).

Keywords: Production condition. Memory. Identity. Urbanization.

1 INTRODUÇÃO

O corpus a ser analisado é composto de alguns recortes de um romance histórico. O autor Isaias de Carvalho (2012) discorre em seu livro a respeito do processo de urbanização da cidade que responde as características que a cercam atualmente. Será evidenciada a importância da memória que não é individual mais sim coletiva no processo de construção da urbe, remetendo-nos a identificar a evolução da mesma e a representação da identidade do autor.

¹ Graduada em Letras Português (UCSaL). letrasalice@hotmail.com.

² Mestre em Estudo de Linguagens. (PPGEL/UNEB). Professor da UCSaL. claudioribeiro28@gmail.com / claudio.queiroz@pro.ucsal.br.

As condições de produção e a memória tem com o objetivo de identificar as diferentes formações discursivas que compõem os discursos dos sujeitos e o contexto sócio-histórico e ideológico em que o mesmo está inserido. Articula-se então um panorama de Salvador entre os anos 10 e 70 do século anterior, em uma narrativa que reúne textos e imagens que corroboram com a memória do autor sobre a cidade. Lançado em 2012 pela EDUFBA (Editora da Universidade Federal da Bahia) a obra é constituída por dez capítulos reunidos em cinco partes. Narrativa não linear marcada por seguidos cortes temporais, que engloba duplo foco de visão, uma vez que passado e presente se imbricam, visto que rememorando e refletindo sobre o que se passou o escritor explicita um embate entre sujeito, sociedade e cultura com o objetivo de rever toda a simbologia da cidade.

As memórias que são expostas neste romance nos dão uma certeza de que toda identidade somente se constrói a partir de um espaço, tanto físico como social. Isso nos remete a lembrar que o sujeito na Análise de Discurso (AD) é atravessado pela exterioridade discursiva e que dessa forma se influencia com o processo histórico a que a cidade e o autor é submetido. A questão da memória é de suma importância, visto que no decorrer da narrativa os sentimentos do autor vão sendo revelados, refletindo em nós o resgate da nossa própria memória. Sendo assim, para entender esse processo de representação a que esse sujeito como citado acima é remetido, a psicanálise sustenta que o mesmo tem a ilusão de que o seu discurso é único, mas de fato está sendo remetido ao já dito, ou seja, a outros discursos. O inconsciente desse sujeito é afetado constantemente pela história que o perpassa. Por isso, se deve levar em consideração que a AD realiza um estudo das linguagens, analisando as inúmeras formulações que constituem os discursos, e como os mesmos afetam os sujeitos e os dá sentido.

2 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE

O processo urbano em Salvador hoje manifesta tensões críticas indiscutíveis, que tornaram necessário revisar os fundamentos conceituais e as experiências reconhecidas com que se pensam ou executam políticas urbanas. A cidade é o

principal âmbito das relações conflitivas de classe, onde se cruzam diferentes projetos de poder.

No romance, a transição para a Modernidade em Salvador ocorreu especialmente a partir de meados dos anos 40 até o fim dos anos 50, e não nos anos 70, como muitos pesquisadores defendem. Esse processo de Modernização teve como abre-alas a cidade do Rio de Janeiro que foi a primeira, e São Paulo, que, muito embora teve mais visibilidade em seu processo, devido ao fluxo migratório exacerbado, foi a segunda cidade brasileira a se modernizar. A modernidade em Salvador ocorria no encerramento da ditadura do ex presidente Getúlio Vargas (1882-1954), em 1945, consequência disso podemos verificar mudanças na mesma, dentre estas notamos como a modernidade se consolidou por vias culturais na cidade soteropolitana.

[...] “É a rapidez com que Salvador perdeu, desde o fim do século 19, o posto de segunda cidade brasileira para São Paulo e de terceira para Recife, até chegar aos anos 40 do século 20 com crescimento demográfico insignificante, se comparado aos índices da segunda metade do século anterior. Mas isso não é tudo: aliado à falta de suporte econômico e a perda de prestígio, somou-se o fato de não ocorrer mais “novidades” em Salvador” (NETO, 2012, p. 26).

O autor vê problemas, sobretudo, no processo da ocupação urbana de Salvador. Segundo ele, há três cidades numa só: a real, a legal e a do arbítrio. A cidade real se constrói em desobediência às normas, já que muitas pessoas ocupam lugares inadequados porque não têm condições de construir legalmente. Já a cidade legal funciona muito bem e é organizada de acordo com os parâmetros organizados, como é o caso do Itaipara. O terceiro tipo, que o autor chama de cidade do arbítrio, talvez seja o que mais chama a atenção, porque, mesmo construindo de acordo com a lei, prejudica a cidade, como os grandes condomínios erguidos em ruas estreitas. No final dos anos 50 e início dos anos 60, a cidade soteropolitana sofria um processo de migração muito forte. Neste mesmo período ocorria a divisão da cidade “nova e velha” e dez anos depois surge uma nova cidade ou como prefere concluir Isaías, Salvador vira uma cidade sem referências geográficas, sem localização concreta, o que acarreta na falta de pertencimento é desconhecimento do centro da cidade.

A urbe mostra-se dividida desde a sua origem, sob a influência do território na forma polarizada de sua ocupação: Cidade-Baixa, Cidade-Alta, comércio de luxo na Rua Chile e redondezas, e comércio de varejo pobre na Baixa dos Sapateiros. Essa divisão tornou-se ainda mais dramática com os meios de transportes, as vias primárias por onde circulavam os bondes, não eram as mesmas do sistema viário de carros e ônibus em certos trechos da urbe.

As atividades públicas e privadas, apoiadas neste novo sistema moderno de urbanização, causou um grande impacto no que se refere a estruturação da cidade, exemplos do mesmo foi no Centro Histórico, marcado por uma decadência acelerada com decisões precipitadas do sistema governamental, fazendo com que o mesmo passasse por um processo de renovação. Consequentemente a cidade de Salvador tornou-se um centro metropolitano em que aos poucos foi se inserindo em seu contexto uma periferia, separando as classes sociais.

3 CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO E MEMÓRIA DISCURSIVA: ASPECTOS IDENTITÁRIOS

Em todo romance percebe-se a prosa recheada de linguagem poética, com capítulos que não são numerados bem longos e descritivos. O narrador, na terceira pessoa, nos leva ao íntimo dos personagens e à introspecção destes através do uso do discurso indireto livre durante toda a narrativa. Em Memória Poética, narrativa marcada por recortes temporais, em meio à passado e presente, compõe-se como uma visão polissêmica dos fatos. A obra nos promove uma releitura da história da cidade de Salvador, assim o passado na história que é rememorado no presente, constrói os processos identitários vivenciados pelo autor antes menino alheio aos aspectos de construção da cidade e depois arquiteto, que vive em constante busca da reconstituição dos seus elos familiares na busca da sua identidade.

A (AD) caracteriza as condições de produção (CP) pelas circunstâncias da enunciação de um discurso, que é entendido como uma unidade elementar do discurso, constituído por uma singularidade que o individualiza temporariamente, relacionando-se com sua repetição e efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas, como uma posição que o sujeito adota nos discursos.

Quando paramos para analisar em que está inserida as (CP) dos discursos proferidos pelo autor, tentamos entender o sentido por trás do que ele está dizendo. Esse sentido se dará à medida que a constituição da formação ideológica o remete às formações discursivas que podem ser continuadas ou mudadas.

A busca por uma identidade evidencia-se, pois, desde o início de sua vida. Isaias tende a buscar quem ele seria e qual seria seu papel na família. No decorrer da narrativa o autor personagem procura identificar as CP que o remeteu a escolher a profissão de arquiteto, mas a resposta torna-se dúvida pois, o mesmo não sabe se isso se deu por conta da relação com seus familiares e a curiosidade de saber sobre a cidade de Salvador ou por meio das incompletudes nas histórias contadas por seus tios e tias que o remeteu a tal futuro. Por isso a representação da identidade do autor está em constante junção com a sua memória. A memória faz parte da produção do discurso, é tratada como interdiscurso, pois é aquilo que se fala antes, em outro lugar, e a chamamos de memória discursiva porque é o saber discursivo que retorna como pré-construído tornando possível todo dizer que sustenta cada tomada da palavra. [...] “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2005, p. 31).

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer se encontra no meio dos dois eixos, o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). Assim, por meio das condições de produções podemos entender como o sujeito produz aquele discurso, se alguém ou algo interveio na idealização, e a que o sujeito foi submetido levando-o a chegar àquela formação.

Tratando das formações discursivas e ideológicas do autor, podemos perceber que intenção da AD, é analisar as condições a que o mesmo na prática discursiva foi submetido, pois sendo a mesma uma repetição do já dito torna-se uma herança cultural e social que o perpassa, conseqüentemente a CP está submissa ao contexto sócio-histórico e ideológico a que o mesmo se encontra. O discurso do autor é marcado por essa exterioridade, pois denuncia e mostra seu total descontentamento diante das transformações que ocorreram e deixaram de ocorrer na cidade. Outro aspecto importante é a sua contínua curiosidade em saber o que levou a família de sua mãe para a cidade e como isso influência diretamente na

construção da sua identidade por deixar lacunas a serem preenchidas, sobre o sobrenome da família, entre outras coisas.

[...] “Na reprodução das relações de produção, umas das formas pela qual a instância ideológica funciona é a da ‘interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico” (BRANDÃO, 2004, p.46), nessa interpelação os indivíduos se transformam em sujeitos por meio da ocupação em grupos ou classes de uma determinada formação social. Nessa mudança, identificamos dois tipos de esquecimentos a que os sujeitos são submetidos. Esse esquecimento é considerado pela (AD) como inerente ao discurso, visto que, constitui a subjetividade e o processo dos sentidos. Subdivide-se dessa forma em duas categorias. Na primeira, o mesmo tem a impressão de que é dono de sua própria vontade, e do seu discurso, mas é interpelado pela ideologia mesmo sem tomar consciência disto. A segunda diz respeito à ilusão de realidade de pensamento, em que o sujeito acredita ser produtor dos sentidos.

Isaias não nasceu com formas prontas de pensamentos, ou o meio de expô-los. Essas formulações foram dadas ao longo de um processo sócio-histórico de CP que o levou a determinadas ações. A memória discursiva de Isaias não pode ser considerada como individual mais sim como social, pois o autor fala de lembranças a respeito da cidade que hoje são coletivas, mostrando o quanto a cidade evoluiu no período de sua formação. [...] “Todo discurso se delineia na relação com outros dizeres presentes e que se alojam na memória” (ORLANDI, 2005, p. 43).

Esse processo pode ser visto pelo fato de que o livro realiza um diálogo entre passado e presente, lembrança e vivência, além do real e imaginário. Dito isto notamos que, a memória discursiva que é social por ser formada por ditos que ao longo do tempo são repetidos, até que passem a fazer parte da nossa memória discursiva a ponto de não conhecermos a origem do nosso dizer. Moscovici (1978) identifica na sociedade dois universos de pensamento. Memórias sociais, assim como as representações sociais, são construções coletivas, produzidas no cotidiano, de forma dinâmica, e estão sempre em transformação. Ela não tem limites definidos, exceto os irregulares entre passado e presente.

Já ficou evidenciado que a memória é fator importante na construção da narrativa de Isaias Carvalho. Da primeira à última página, a memória conduz os

pensamentos do protagonista além de guiar a vivência dele, tão representativa daquela de seus antepassados. O que fica bem claro durante o livro é que as lembranças do autor tem a força de manter o sentido do livro, pois dentro dessas memórias ele fala de todos os assuntos, não apenas da construção da cidade em si, mas também da situação econômica.

A cidade mostrava-se dividida desde a sua origem, sob influência do território na forma polarizada de sua ocupação: Cidade-Baixa, Cidade-Alta, Comércio de luxo na Rua Chile, e redondezas e comércio de varejo pobre na Baixa dos Sapateiros. [...] foi na esteira de seu entusiasmo modernista que ele pensou em alguma reforma de impacto na área central da capital, com o projeto de construção da Avenida Dois de julho, que ligaria em linha reta a Praça Castro Alves ao Campo Grande, com 20 metros de largura e amplas calçadas (NETO, 2012, p.56).

Para o autor, Salvador tem uma característica curiosa ao cenário de outras capitais que sofreram um processo de transformação. A mesma foi dividida em parte por cidade nova e cidade velha, enquanto em outras cidades essas duas partes estão interligadas. Ele define essa característica da cidade como cidade dividida ou cidade esquizopolis. A ideia de esquizopolis que o arquiteto traz no seu livro, é a junção inexistente do velho e novo da capital baiana, como se fossem características antagônicas ou inimigas uma da outra. Para Pêcheux (1988), as CP trazem os lugares sociais, as condições de força, as tensões entre os “já-ditos” e os “a-dizer” e tomadas de posição do sujeito discursivo. É o que acontece com o autor no decorrer da narrativa, ele toma uma posição, reconhece-se no discurso como observador e crítico. O autor aborda que a cidade é o principal espaço que circunda conexos de conflito de classe, onde se cruzam diferentes projetos de poder e onde sempre há possibilidade de intervenções autoritárias tanto da esfera pública como da privada. Há uma disfunção entre o perfil da crise social urbana e o olhar mecanicista do planejamento que leva a rever os fundamentos da cidade.

Essas relações de poder e de força abordadas pelo autor no processo de urbanização da cidade nos remete a lembrar do que Althusser designou como, Aparelhos Repressores – ARE – (compreendendo o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc.) e Aparelhos Ideológicos – AIE –

(compreendendo instituições tais como: a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação). O que fica claro é fragilidade da classe dominada e as relações e condições de exploração e desigualdade mostradas no decorrer da estruturação e organização da cidade. Sendo assim, compreendemos que o sujeito pode, através de seu discurso, demonstrar uma identificação com a ideologia da classe dominante, mesmo não pertencendo a essa classe, e sem ter consciência disso.

Quando o autor enuncia em um determinado lugar ou tempo, articula-se não mais só como sujeito histórico, mas também como sujeito ideológico. “São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção”. (ORLANDI, 2005, p. 30). A partir dessas colocações pode-se perceber que a memória não pode ser vista sem sua ligação com o espaço e o tempo. O tempo será representado pelas variações que ocorrem entre as sociedades. O modo de viver dessas fases estabelece o motivo para que aquela lembrança seja construída. A memória dessa forma torna-se necessária para assimilação com a realidade ou uma atualização da mesma, sendo ela coletiva ou individual. Dessa maneira se torna possível que o sujeito compreenda as mudanças advindas e as transformações que marcam a sociedade.

A Salvador que se descreve a partir de agora é a que todos ou quase todos conhecem por intermédio de fotos, textos, personagens e vivências. Mas ela se apresenta recortada e remontada na síntese de um olhar transgressor. Nesse ponto, a disciplina do meu ofício está presente, rerepresentando dados já conhecidos, reunidos de outra maneira, como uma interpretação livre e sem compromisso com a teoria urbanística ou com a historiografia. (NETO, 2012, p.09).

As condições de produção são extremamente interligadas com um jogo de imagens a que se insere o sujeito, essas imagens definem as formações imaginárias a que os sujeitos estão submetidos. As imagens na obra apesar de prontas, faz uma ressignificação do que seria a cidade de Salvador para leitores da atualidade. É como se adotássemos uma nova posição, como se voltássemos no tempo para identificar os reais processos pelos quais a cidade passou pra ser o que é nos dias de hoje. Essas formações imaginárias designam o lugar em que o sujeito atribui a si mesmo e a imagem que tem de si e do outro Ao construir essas imagens no

romance, nota-se que a forma de dizer do escritor está ligada a forma como as representações são criadas, por e para a sociedade. Dessa forma jamais se deve deixar de lado tanto as condições restritas como também as condições ampliadas de produção discursiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance faz um recorde da cidade de Salvador em determinados aspectos de sua urbanização. A imagem tornando-se grande aliada na narrativa, sendo utilizada a todo momento pelo autor, justifica as questões abordadas pelo mesmo. Ao lermos o livro temos um impacto mais direto no cérebro que nos faz buscar registros imagéticos já constituídos em nossa memória. Dessa forma é criado em nós uma leitura crítica, mesmo que de forma não intencional.

A Análise discursiva na obra nos faz perceber que os sujeitos são inseridos na sociedade por é para um objetivo. Passa por um processo de reconhecimento, de mudança de indivíduo para sujeito, e é o que evidentemente acontece com Isaías, pois antes se via distante, não influenciável no processo de modernização e mudança da cidade. Ao decorrer de todas questões levantadas na narrativa conseguimos identificar a adoção do autor a uma ideologia, tornando-a como marca própria, como um meio de enxergar tudo que não estava explícito a respeito da constituição da urbe. Não deixando de mencionar que a memória atuou como aspecto primordial tanto na busca pela identidade de si e da cidade, como também na escrita do romance histórico, pois o mesmo necessita de uma rememoração para não ser apenas uma historiografia marcada por um estudo diacrônico, que evidencia a história de Salvador.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do discurso**. 2 ed. rev. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.



NETO, Isaiás de Carvalho Santos. **Memória Urbana: poética para uma cidade.** 1ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios & Procedimentos.** 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1988.